

A metodologia de construção das feiras de economia solidária e seu impacto sobre os ganhos

Um estudo sobre a Feira Baiana

André Luis Ferreira da Silva

Resumo Este trabalho tem por objetivo identificar a natureza dos ganhos obtidos por membros de empreendimentos econômicos solidários que participaram das edições da Feira Baiana de Economia Solidária e Agricultura Familiar, além de propor uma relação entre a metodologia adotada pela gestão das feiras e a natureza desses ganhos. O ponto de partida traz dois pressupostos: 1) Um evento de natureza e fins diversos não gera somente ganhos financeiros aos seus participantes; 2) A metodologia de construção desse evento tem impacto na natureza desses ganhos. Esses pressupostos estiveram embasados pelo marco conceitual específico em que a economia é considerada a partir de uma pluralidade de princípios, além de abordar os ganhos dos empreendimentos econômicos solidários a partir de cinco diferentes dimensões. Assim, a abordagem da dimensão econômica mercantil está imbrincada com os aspectos políticos e sociais. Com base na caracterização da natureza de uma feira de economia solidária, da contextualização da metodologia de construção desses eventos, incluindo uma análise do evento da Bahia, foi construído um quadro analítico dividido em cinco dimensões: socioeconômica, sociopolítica, sociocultural, sociotecnológica e sociambiental. A partir dessa perspectiva, foram entrevistados os membros de empreendimentos econômicos solidários que participaram das edições realizadas entre 2007 e 2010. Com esse estudo, conclui-se que uma feira de economia solidária possibilita a geração de ganhos multidimensionais e, para tanto, a sua construção precisa estar orientada pela metodologia do Programa Nacional de Apoio às Feiras de Economia Solidária.

Palvaras-chave Pluralidade dos princípios econômicos; feiras de economia solidária; metodologia de feiras e ganhos multidimensionais.

Abstract This paper aims to elucidate the nature of the gains obtained by members of solidarity economy businesses that participated in the editions of the Bahia Solidarity Economy and Family Farming Fair, in addition to proposing a relationship between the methodology adopted by the fair's management and the nature of these gains. The starting point has two assumptions: 1) Financial gains to its participants are not the only outcome generated by an event of diverse nature and purpose; 2) The methodology used to build this event has an impact on the nature of these gains. A conceptual framework in which, economics is considered from a plurality of principles, while addressing the gains of solidarity economy enterprises from five different dimensions, were the basis for these assumptions. Therefore, the approach of the mercantile economic dimension is intertwined with the political and

social aspects. An analytical framework was constructed encompassing five dimensions, socioeconomic, sociopolitical, sociocultural, sociotechnological and socioenvironmental, which, had as a starting points, the characterization of the nature of a solidarity economy fair, the contextualisation of the methodology used to build these events, and the analysis of the Bahia event. Members of solidarity economy businesses that participated in the solidarity economy fairs carried out between 2007 and 2010 were interviewed. This study concluded that a solidarity economy fair generates a multidimensional gain and that, its construction needs to be guided by the methodology of the National Program of Support to Solidarity Economy Fairs.

Keywords Plurality of economic principles; solidarity economy fairs; fair methodology and multidimensional gains.

Resumén Este trabajo tiene por objetivo identificar la naturaleza de las ganancias obtenidas por miembros de emprendimientos económicos solidarios que participaron en las ediciones de la Feria Baiana de Economía Solidaria y Agricultura Familiar, además de proponer una relación entre la metodología adoptada por la gestión de las ferias y la naturaleza de esas ganancias. El punto de partida trae dos supuestos: 1) Un evento de naturaleza y fines diversos no genera solamente ganancias finas a sus participantes; 2) La metodología de construcción de este evento tiene impacto en la naturaleza de esas ganancias. Estos presupuestos se basaron en el marco conceptual específico en que la economía se considera a partir de una pluralidad de principios, además de abordar las ganancias de los emprendimientos económicos solidarios a partir de cinco diferentes dimensiones. Así, el abordaje de la dimensión económica mercantil está imbricado con los aspectos políticos y sociales. A partir de la caracterización de la naturaleza de una feria de economía solidaria, de la contextualización de la metodología de construcción de esos eventos, incluyendo un análisis del evento de Bahía, se construyó un cuadro analítico dividido en cinco dimensiones: socioeconómica, sociopolítica, sociocultural, sociocultural, sociocultural y sociambiental. A partir de esa perspectiva, fueron entrevistados los miembros de emprendimientos económicos solidarios que participaron de las ediciones realizadas entre 2007 y 2010. A partir de ese estudio, se concluye que una feria de economía solidaria genera ganancia multidimensionales y para tanto, su construcción necesita estar orientada por la metodología del Programa Nacional de Apoyo a las Ferias de Economía Solidaria.

Palabras clave Pluralidad de los principios económicos; Ferias de economía solidaria; metodología de ferias y ganancias multidimensionales

1. Introdução

Presente nos Anais das conferências de economia solidária, o apoio aos eventos ganham destaque pela sua importância para o fortalecimento da comercialização, da formação e da articulação das trabalhadoras e dos trabalhadores associados. Dentre os principais eventos destacam-se as feiras de economia solidária, que são realizadas com o intuito de

divulgar produtos e serviços, promover aproximação dos consumidores com os produtores, possibilitar articulação de redes dos trabalhadores associados, promover trocas de saberes e outros processos de formação e qualificação, bem como difundir o consumo consciente e sensibilizar a sociedade sobre esse outro modelo de economia. O espaço das feiras possibilita encontros que cooperam para um amplo fluxo de informações e de oportunidades às trabalhadoras e trabalhadores associados.

A importância das feiras foi reconhecida também por meio da criação do *Programa Nacional de Fomento às Feiras de Economia Solidária*, executado entre os anos de 2005 e 2008 com recursos da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES/MTE). Segundo o relatório de avaliação do programa (BRASIL, 2012), produzido pela SENAES, o objetivo foi contribuir para a visibilidade e promoção da comercialização dos produtos, bens e serviços dos empreendimentos econômicos solidários, além de estimular o consumo consciente e o fortalecimento das redes de empreendimentos.

Compreender a importância dos eventos de Economia Solidária como espaços de formação, de troca de saberes, de comercialização, de fortalecimento sócio econômico, articulação de redes de produção e consumo e de difusão do conceito de Economia Solidária, leva-nos a perceber aspectos importantes para a consolidação dessa outra economia, uma vez que atinge membros dos empreendimentos econômicos solidários – EES, que já atuam sob a lógica da solidariedade e da cooperação, bem como o público visitante que, apesar da lógica do individualismo e da competição arraigada na sua constituição cultural, podem acessar durante o evento, outras práticas que possibilitam a construção de relações mais justas e solidárias.

As edições da Feira Baiana de Economia Solidária e Agricultura Familiar, no período de 2005 a 2010, seguiram uma metodologia referenciada pelo Programa Nacional de Fomento às Feiras de Economia Solidária e promoveram a participação das mais diversas representações envolvidas no processo, além de uma programação que fomentou a comercialização, a formação, a divulgação e uma reflexão em torno do consumo e dos impactos ambientais gerados pela humanidade.

Portanto, a metodologia adotada na construção das feiras de economia solidária, em especial, na Feira Baiana de Economia Solidária e Agricultura Familiar, difere em muitos aspectos da forma de gestão dos eventos realizados no âmbito empresarial, uma vez que a escuta das diversas par-

tes envolvidas e o caráter autogestionário do evento podem ter influência direta nos seus objetivos e resultados.

Assim como é fundamental caracterizar o evento, é importante destacar a natureza dos empreendimentos econômicos solidários, para buscar compreender os ganhos gerados/adquiridos nesse segmento. França Filho e Laville (2004) revelam cinco traços observados nesses empreendimentos, cuja natureza e origem dos recursos mobilizados refletem sua forma de gestão, a natureza das relações e sua finalidade. São eles: 1) pluralidade de princípios econômicos, 2) Autonomia institucional, 3) Democratização dos processos decisórios, 4) Sociabilidade comunitária pública e 5) Finalidade multidimensional. Tais características são indicativas de que para analisar aspectos como viabilidade, propósitos, bem como as perspectivas de ganhos a serem obtidos pelos empreendimentos durante uma feira, há que se considerar outras dimensões para além da econômica mercantil.

A partir das referências, foi construído um quadro analítico que embasou as entrevistas estruturadas realizadas com empreendimentos participantes e gestores que atuaram na Feira Baiana de Economia Solidária e Agricultura Familiar. O critério escolhido para definir os empreendimentos é o da participação em no mínimo três edições, no período de 2007 a 2010. Os empreendimentos escolhidos para a pesquisa e os seus nove membros estão no território da Região Metropolitana de Salvador, Portal do Sertão, Sertão do São Francisco e Sertão Produtivo. A escolha dos territórios se deu com o objetivo de não concentrar apenas em uma região do estado e buscar ouvir referências diferentes. Os gestores entrevistados foram o Superintendente de Economia Solidária que estava exercendo o cargo à época, bem como com o atual, que iniciou no exercício do cargo em 2011 e passou por todo o processo de mudança e extinção da feira. Foram realizadas entrevistas também com Lara Matos, que foi a Coordenadora de Formação e Divulgação da Sesol no período estudado e Tatiana Reis, coordenadora até o ano de 2016.

2. As feiras de economia solidária

As feiras de economia solidária se configuram como espaços de exposição e comercialização de produtos, porém, não estão restritas a essas atividades. Este espaço também se constitui pela realização de apresen-

tações culturais e artísticas da cultura popular, de informação e formação política em economia solidária, articulação de cadeias produtivas, bem como divulgação e estímulo do consumo ético, justo e solidário. (IMS, 2006). Portanto, esse espaço se configura pela diversidade de atores, encontros e atividades, que constituem um cenário capaz de promover dimensões econômicas, culturais e políticas. Um espaço que reúne representantes de empreendimentos econômicos solidários, representantes do Poder Público e entidades de apoio e fomento, além dos visitantes.

A natureza diversa das feiras está presente na conceituação trazida por AMORIM (2011):

As feiras se constituem em espaços para trocas solidárias de informações e de saberes; rodadas de negócios; apresentações culturais; avanço conceitual e difusão de uma economia centrada no cuidado e no respeito humano; bem como espaços de integração e articulação de EES, instituições governamentais e entidades de assessoria, apoio e fomento à economia solidária. (AMORIM, 2011, p. 8).

Diante dessa diversidade de acontecimentos, esses eventos também se configuram como uma das formas de organização do segmento, uma vez que a construção desses espaços já revela um processo coletivo onde é possível vivenciar os princípios e práticas dessa outra economia em diversos momentos. Portanto, o evento se configura como um espaço efetivo da comunhão entre teoria e prática, colaborando com um processo importante de transformação da sociedade, pois “Hoje vivemos um problema complicado, uma discrepância entre teoria e prática social que é nociva para a teoria e também para a prática.” (SANTOS, 2007, p. 20). Uma vez integradas, teoria e prática alicerçam o processo de transformação da sociedade.

2.1. O Programa Nacional de Feiras de Economia Solidária

O Programa Nacional de Feiras de Economia Solidária, criado em 2005, apoiou eventos de organização da comercialização em feiras estaduais, nacionais e internacionais, muitas vezes denominadas “feiras em rede”. Esse programa contou com recursos financeiros da Ação de Promoção do

Consumo Responsável e Comércio Justo (PPA 2004/2007) e teve a execução garantida por meio de um diálogo entre o Departamento de Fomento (SENAES/MTE), o Fórum Brasileiro de Economia Solidária e o Instituto Marista de Solidariedade (IMS).

Compreendendo a importância do programa, a complexidade em executar ações em diversos estados e municípios, além da pluralidade no arranjo institucional para assegurar uma boa estruturação e execução do projeto, a SENAES, o IMS e o FBES propuseram a criação dos seguintes documentos:

- Termo de Referência para servir como subsídio para apresentação das propostas para realização de feiras enviadas pelas respectivas comissões organizadoras;
- Modelo único de Plano de Trabalho e Cronograma Físico-Financeiro para os estados enviarem suas propostas;
- Organização de um calendário nacional de feiras de economia solidária;
- Elaboração de identidade visual nacional;
- Produção de materiais promocionais, informativos e/ou pedagógicos sobre o tema;
- Distribuição da Campanha Nacional de Mobilização – economia solidária: outra economia acontece;
- Pesquisa de Avaliação de Feiras de Economia Solidária (PAFES) composta por formulários para aplicação junto aos empreendimentos econômicos solidários (EES), expositores, entidades de assessoria e fomento e público visitante;
- Formulário de Sistematização da Feira com informações quantitativas e qualitativas;
- Presença do(a) interlocutor(a) estadual de feira que contribuiu com os processos locais.
- Além de promover:
 - Difusão do conceito de feira de economia solidária;
 - Acompanhamento e/ou articulação junto aos atores e atrizes envolvidos(as) para articular e/ou fortalecer a economia solidária.

Fonte: BRASIL, 2010.

Um momento de congregação entre diversos atores das mais diversas representações que atuam na economia solidária, as feiras têm uma característica bastante rica que é o espaço de debates que se constitui na sua construção. Ao verificar as características de uma feira de economia solidária, segundo o Termo de Referência do programa, percebeu-se a peculiaridade desse evento, conforme trecho a seguir:

- 1) Protagonismo dos empreendimentos na construção, divulgação, execução e avaliação da feira;
- 2) Espaço de exposição e comercialização de produtos e serviços dos empreendimentos de economia solidária e da agricultura familiar;
- 3) Espaço para rodadas de negócios entre os expositores e os diversos compradores;
- 4) Espaços de formação e informação aos participantes dos empreendimentos por meio de oficinas temáticas;
- 5) Espaço de estímulo e divulgação do Consumo Responsável dos produtos e serviços em exposição;
- 6) Exemplo de inclusão efetiva de responsabilidade ambiental em todas as dimensões da feira;
- 7) Espaço de divulgação das ações das várias instituições (governamentais ou não) e grupos da economia solidária;
- 8) Espaço de difusão conceitual e filosófica da economia solidária para o público em geral;
- 9) Espaço para a realização de atividades artísticas e culturais por atores e atrizes oriundos dos movimentos organizados de cultura popular regional, economia solidária e agricultura familiar;
- 10) Espaço de realização de atividades de trocas solidárias com uso de moedas sociais;
- 11) Espaço de fomento e divulgação da organização de cadeias produtivas e redes de economia solidária e agricultura familiar;
- 12) Espaço de lazer e integração dos produtores e visitantes.

Fonte: BRASIL, Termo de Referência das Feiras.

As características listadas acima já revelam que não se trata apenas de um evento destinado à compra e venda de mercadoria, afinal, percebe-se

que a construção coletiva, o protagonismo dos empreendimentos, a promoção da difusão conceitual e filosófica, além da valorização da economia solidária e da agricultura familiar dão conta de promover outras dimensões para além da dimensão econômica do evento. Para confirmar essa multidimensionalidade, o Termo de Referência reafirma a importância estratégica de cinco dimensões: 1 - A dimensão econômica; 2 - A dimensão de fortalecimento da organização dos empreendimentos da Economia Solidária; 3 - A dimensão da divulgação; 4 - A dimensão de formação; 5 - A dimensão ambiental.

3. A Feira Baiana de Economia Solidária e Agricultura Familiar

A primeira edição dessa feira aconteceu em 2005, quando ainda não existia uma instituição no Governo do Estado da Bahia que tivesse a economia solidária destacada nas suas ações. Porém, já estava sendo executado pela SENAES o programa de apoio às feiras, e o evento da Bahia contou com aporte de recursos e suporte metodológico.

O ano de 2006, mesmo não fazendo parte do recorte do estudo, foi fundamental para revelar a importância das feiras de economia solidária. Durante a feira desse ano, o Fórum Baiano de Economia Solidária produziu uma carta contendo as propostas da sociedade civil, na qual representantes de Empreendimentos Econômicos Solidários - EES, entidades de apoio e fomento, além de representantes de organizações não-governamentais registraram as diretrizes para a legitimação de um espaço da economia solidária na instância governamental. Nessa carta, produzida e entregue durante a feira, foram apontadas dificuldades da ordem da formação e qualificação, da comercialização e a necessidade de um marco legal que contemplasse as características das associações, cooperativas e grupos informais que produzem sob a lógica da autogestão e da solidariedade.

A demanda foi atendida em fevereiro de 2007, pelo governador recém eleito, Jaques Wagner, com a criação da Superintendência de Economia Solidária – Sesol no âmbito da reformulada Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte – SETRE. Tal estrutura, seguindo o exemplo do Governo Federal, além de estar contemplada na instituição que desenvolve a política para o trabalho, acompanhou a formatação da Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES, com uma Coordenação de For-

mação e Divulgação, uma de Fomento e outra de Microcrédito e Finanças Solidárias.

A partir do ano de 2007 o apoio aos eventos de economia solidária passou a fazer parte das ações da Sesol, quando as edições da feira baiana passaram a contar com um aporte de recurso sistemático e crescente.

A figura abaixo demonstra a evolução dos investimentos no evento, desde 2006 até 2011:



Figura 1. Evolução dos investimentos. Fonte: relatórios Superintendência de Economia Solidária.

Quadro 1. Investimentos da Bahia nas feiras

| ANO | RECURSO |
|------|----------------|
| 2007 | R\$ 52.000,00 |
| 2008 | 126.900,00 |
| 2009 | R\$ 193.000,00 |
| 2010 | R\$ 433.000,00 |
| 2011 | R\$ 492.000,00 |

Ao conhecer o Estado da Bahia, com 417 municípios e 27 Territórios de Identidade, podemos compreender que apenas um evento durante o ano não atenderia à demanda real dos 1.611 empreendimentos registrados no mapeamento oficial. Vale destacar que o mapeamento não revela o número real de empreendimentos no estado, pois as etapas realizadas entre 2005 e 2007, bem como a segunda etapa, executada entre 2009 e 2013, tiveram algumas dificuldades tanto nas atividades de campo, quanto no tratamento dos dados.

Os esforços para gerar informações e sistematizá-las, são fundamentais para o reconhecimento da economia solidária no Brasil, uma vez que os dados auxiliam tanto no dimensionamento das iniciativas quanto na elaboração de instrumentos para a construção de políticas públicas. Po-

rém, não podemos afirmar que o mapeamento realizado até então revela o número real de empreendimentos, pois não se trata de um censo e não se propõe a identificar na sua totalidade, além das dificuldades encontradas na coleta das informações, exigindo um trabalho de crítica e validação. Como relata GAIGER (2014):

Há obstáculos inerentes à pesquisa de campo, compreensíveis diante do ineditismo dos mapeamentos e da sua complexidade operacional. Os instrumentos de coleta, além de múltiplos, no caso do segundo mapeamento são mais complexos, exigindo um tratamento redobrado, no sentido de depurar e validar a base de dados. (GAIGER, 2004, p. 18-19)

Diante dessa realidade, os gestores da SESOL avaliaram, a partir da escuta dos coletivos organizados e do fórum baiano, que a concentração dos recursos em apenas um evento não atenderia aos princípios de uma política pública que deve buscar contemplar a demanda do Estado. Diante dessa constatação foi lançado o Edital 04/2012 de Apoio às Feiras de Economia Solidárias com o valor de R\$ 500.000,00 (Quinhentos mil reais), contemplando 10 (dez) projetos, sendo 2 (dois) para feiras estaduais e 8 (oito) para feiras regionais.

A importância dessa tentativa de interiorizar a política de apoio às feiras, foi confirmada pela entrevista realizada com o atual Superintendente de Economia Solidária:

(...) é preciso aprimorar e estamos fazendo isso. É tendo uma política mais descentralizada de realização das feiras. É compreensível que no início do movimento se investisse sempre numa grande feira, estadual, nacional, como estratégia de divulgação e de consolidação do movimento, mas como parte fundamental da atividade econômica, as feiras tem que acontecer na realidade é todo dia. *(Milton Barbosa, Superintendente de Economia Solidária, desde 2011 até o momento da pesquisa)*

No ano de 2013, contemplada pelo Edital 04/2012 – Setre, citado neste estudo, a União Nacional de Cooperativas de Agricultura Familiar e Economia Solidária – UNICAFES construiu o evento com a mesma metodologia e mesmo nome “Feira Baiana de Economia Solidária e Agricultura Familiar”, porém só foi possível realiza-lo no período de 04 a 07 de julho de 2013, deixando uma lacuna no ano de 2012.

3.1. Desafios e avanços

A Feira Baiana de Economia Solidária e Agricultura Familiar, com sua referência metodológica e periodicidade, aproximou os atores da Ecosol na Bahia e promoveu um acompanhamento das iniciativas nos mais diversos territórios.

A construção do evento que, nas edições de 2006 a 2010 aconteceu no mês de dezembro, mobilizou os atores a partir do mês de fevereiro de cada ano, quando planejavam a mobilização de recursos em suas instituições e reuniam-se com outros parceiros para desenhar suas ações. O coletivo denominado Comissão Organizadora, iniciava suas atividades entre os meses de junho e julho, cujo objetivo era compartilhar suas iniciativas, identificar necessidades e planejar novas ações. Nesse momento, dividiam tarefas em subcomissões e inauguravam uma série de reuniões até o mês de dezembro. A Feira Baiana de Economia Solidária e Agricultura Familiar buscou seguir as orientações previstas no programa de apoio às feiras, executado pela SENAES e, assim, esteve pautada pela autogestão, sendo que desde a concepção à avaliação pós-evento buscava-se a participação de todas as representações.

Foi possível perceber como a autogestão e os princípios da cooperação estiveram presentes desde a concepção à execução do evento. Além disso, também foi perceptível a organização dos espaços de exposição, que na maioria das vezes era pequeno e precisava ser dividido por dois grupos, a gestão e o cumprimento da programação, a sistematização e no envio das queixas e sugestões à comissão organizadora. O ano de 2010 foi bastante simbólico para a compreensão acerca da importância da autogestão na construção e condução das feiras. A programação do evento já estava definida e a grade da formação também, inclusive com definição dos espaços. Ao perceber que na programação tinha poucas atividades de formação técnica, uma das integrantes do grupo propôs uma oficina, como afirma Tatiana Reis:

Eu lembro de uma das feiras que a gente organizou, em que o próprio empreendimento, na Mostra Nacional inclusive, uma pessoa do empreendimento, não lembro de que estado, fez uma proposta de uma oficina de bordado. Era alguma coisa ligada ao bordado ou costura, algum trabalho manual e foi a

oficina que teve mais demanda(...)" (*Tatiana Reis, atual Coordenadora de Formação e Divulgação da Superintendência de Economia Solidária*)

Portanto, a proposta trazida pela integrante do grupo e acolhida pela Comissão de Metodologia e Formação, foi a atividade que teve maior número de participantes. O fato é que, caso o evento não fosse autogestionário, o espaço para fazer propostas de alteração na programação seria mais restrito. O reconhecimento e a luta pelos interesses comuns possibilitam avanços e transformações nas relações e nas construções coletivas. Como afirmam Faria e Novaes:

O Fortalecimento da identidade coletiva faz com que seus membros, reunidos nos organismos coletivos, identifiquem-se pelos interesses comuns e pela solidariedade recíproca, rompendo com o individualismo e a hierarquia. A criação espontânea substitui a subordinação passiva. (FARIA; NOVAES, 2001, p. 160).

Outro aspecto importante pôde ser percebido na infraestrutura, a partir da garantia da construção de espaços de formação com capacidade para abrigar todos os participantes. Os dias do evento foram marcados também pela troca de experiências entre participantes, a construção de articulações de redes, as ações destinadas à preservação do meio ambiente e o contato com manifestações culturais de diversas regiões do estado.

Uma concentração de experiências das mais diversas em apenas quatro dias de evento trouxe impactos sobre os atores envolvidos, como afirma Lara Matos "(...) a questão do conagraçamento, da festa, da celebração, é uma coisa que fortifica a sua prática, fortalece a sua prática, porque renova e reforça a sua prática e você volta pro interior, de fato empoderada". Afinal, a feira é também um momento de celebração e de reencontros, quando as trabalhadoras e trabalhadores podem se reconhecer na luta cotidiana e fortalecer seus sentimentos de pertencimento a um coletivo.

Apesar de destacar a feira como espaço de conagraçamento e de celebração, este estudo não pretende negar a importância dos ganhos econômicos financeiros. Ao visitar as críticas feitas pelo autor Henrique Wellen, percebemos uma afirmativa sobre a economia solidária e a negação do mercado. Segundo o autor, "A mistificação está em achar que alguma parte do mercado, por mais isolada que seja, estará ausente de determinações capitalistas e, por isso, não subsumida à busca por lucratividade"

(WELLEN, 2012, pag. 303). A contribuição do autor é bastante importante, dada à hegemonia da lógica mercantil e, a partir dessa compreensão, é importante destacar a relação com o mercado, bem como a importância dos resultados das vendas e dos ganhos financeiros. Porém, mesmo pesquisando um evento denominado *feira*, o autor investigou a geração de outros ganhos.

4. A metodologia das feiras de economia solidária

Diante de um cenário de diversos eventos no Brasil, o FBES e a SENAES propuseram a criação de um programa capaz de aportar recursos financeiros de forma estruturada e planejada, capaz de mensurar os resultados e fortalecer a economia solidária (AMORIM, 2011).

Em 15 de julho de 2005, a Secretaria Nacional de Economia Solidária, por meio da Diretoria de Fomento, lança o *Termo de Referência do Programa Nacional de Fomento às Feiras de Economia Solidária no Brasil*, cujo objetivo é:

[...] estabelecer diretrizes para a realização de feiras de economia solidária a serem apoiadas pela SENAES, contribuindo para afirmação de uma identidade nacional comum entre as diversas feiras que são realizadas no Brasil, no âmbito da economia solidária, bem como propiciar uma maior integração e sinergia entre estas diversas feiras. (BRASIL, 2005, p. 2).

Esse documento buscou orientar a seleção de projetos de apoio às feiras estaduais e trouxe tanto os *critérios exigidos* quanto *aspectos desejáveis*, o que nos indica a natureza das feiras.

4.1. A Bahia seguiu a cartilha, mas atendeu às suas peculiaridades.

Diante dos instrumentos criados a partir do Programa Nacional de Fomento às Feiras de Economia Solidária e das orientações contidas neles, os atores envolvidos na construção das edições da Feira Baiana de Economia Solidária e Agricultura Familiar buscaram cumprir o propósito de

promover a feira de economia solidária conforme a sua natureza. Ou seja, a construção coletiva, os processos autogestionários, a formação, a comercialização e outros importantes aspectos do evento foram as diretrizes que motivaram os trabalhos.

A experiência das feiras baianas investigadas por este estudo promoveu vivências que fortaleceram empreendimentos, pessoas, instituições e influenciaram na construção de políticas públicas. Como afirmou Tatiana Reis,

(...) este é um espaço permanente de articulação e quanto mais o movimento está fortalecido, isso interfere no fortalecimento da política pública. Então eu acho que a feira se torna um espaço estratégico importante pra política pública de economia solidária sim.

A confirmação desse aspecto diverso da feira é percebida também através da entrevista realizada, conforme trecho abaixo:

Na verdade a feira de economia solidária, desde sempre, tinha sempre dois objetivos principais. Primeiro objetivo era o mais corriqueiro, mais comum, que era a comercialização da produção dos empreendimentos e o segundo, ao meu ver, mais importante, que era a troca de experiências, as rodadas de negócios e na verdade a discussão do movimento de economia solidária como espaço de formação extremamente importante, pela troca das experiências vivenciais dos empreendimentos (...). (*Helbeth Lisboa de Oliva, Superintende de Economia Solidária no período de 2007 à 2011*).

Portanto é claro para grande parte das pessoas envolvidas que os propósitos de uma feira realizada conforme a metodologia estudada, vão além de vender produtos. Assim, os ganhos gerados por essas feiras precisam ser avaliados em diversas dimensões.

5. A natureza dos ganhos

Ainda que o *Termo de Referência das Feiras em Rede* indique como estratégicas as dimensões econômica, a do fortalecimento da organização dos empreendimentos, da divulgação, da formação e a ambiental, os apoiado-

res desses eventos ainda se utilizam de indicadores a partir do princípio econômico de mercado e o resultado das vendas parece ter mais importância sobre outras possibilidades de ganho.

O autor deste estudo pretendeu verificar ganhos para além do campo do princípio econômico mercantil, por meio da própria vivência durante as edições da feira e da compreensão de que, para perceber a economia acontecendo dentro de uma feira dessa natureza é preciso expandir a compreensão sobre economia. O erro está em igualar a economia geral humana à economia de mercado, afinal, o aspecto físico das necessidades do homem é inerente à condição humana e sendo assim, não pode haver sociedade que não possua algum tipo de economia substantiva. (POLANYI, 2012).

E as práticas econômicas verificadas durante as feiras são observadas a partir de seus princípios plurais, já que, durante os eventos, é possível perceber efetivamente os princípios da reciprocidade, a partir das trocas; da redistribuição, com a estrutura disponibilizada através da aplicação de recursos públicos; além da economia de mercado, a partir da venda de produtos.

Vale destacar que para verificar a natureza dos ganhos gerados a partir do evento estudado, foram abordados os aspectos econômicos e não econômicos, pois os princípios e práticas da economia solidária não se assemelham com os da economia capitalista e, sendo assim, é preciso considerar aspectos distintos.

O presente artigo avaliou os ganhos a partir das cinco dimensões abordadas por França Filho e Rosana Boullosa: socioeconômica, sociopolítica, sociocultural, sociotecnológica e socioambiental. Para avaliar a melhoria nas condições de vida dos membros desses empreendimentos, associado ao perfil ou à natureza do público e às próprias características do contexto, é insuficiente avaliar apenas os ganhos econômicos para uma apreensão completa de tais resultados. (Boullosa e França Filho, 2013)

5.1. Ganhos multidimensionais das feiras.

Apesar de trazer os estudos desenvolvidos por Boullosa e França Filho como base teórica para referendar a diversidade das dimensões a serem avaliadas, este trecho do estudo traz, além da experiência do autor, o resultado da pesquisa de campo, através das variadas entrevistas realizadas

com membros de empreendimentos que participaram do evento nas edições de 2007 a 2010.

5.1.1. Dimensão socioeconômica

O olhar a partir dessa dimensão buscou avaliar a geração de renda e a mobilização de recursos efetivada pelos empreendimentos durante o evento. Aqui, foram abordados aspectos relacionados à reprodução material, considerando comercialização, trocas e o próprio apoio do estado durante os eventos, refletindo sobre a capacidade dos participantes em gerar renda a partir da comercialização dos seus produtos, além da mobilização de recursos a partir de parcerias e articulações com outros parceiros, bem como a proposta de promover trocas entre empreendimentos participantes.

As vendas dos produtos foram bastante importantes para os empreendimentos, principalmente para aqueles que tinham dificuldades em acessar espaços de comercialização. Como afirma “Seu Agnaldo”:

É um meio de escoar, você tem onde escoar porque muita gente, muito artesão não tinha como escoar o produto, ficava mais em casa. (*Agnaldo Dias, CriArte, Salvador*)

Apesar do relato acima, foi possível perceber que os ganhos socioeconômicos, principalmente os ganhos dos princípios mercantis são os mais fragilizados durante as feiras, porém, além dos ganhos financeiros, é possível perceber também os ganhos a partir do princípio econômico da reciprocidade, quando das atividades de trocas.

Quando já não tinha mais expectativa de vender, fazia a feira de troca. A gente trocava um produto do nosso grupo, por um produto de outro grupo que nos interessava. Uma coisa maravilhosa assim, essa coisa da troca, porque a gente volta ao passado, como as pessoas faziam antes, quando não tinham muita comercialização. (*Selma Porto, AGESP, Palmas de Monte Alto*)

Selma Porto relata uma prática bastante comum nas feiras, principalmente no último dia, quando já estavam terminando as atividades da co-

mercionalização. Foram momentos de celebração a partir das trocas, quando as pessoas já estavam se despedindo e expressando sentimentos de gratidão e fortalecimento pra seguir trabalhando sobre os princípios da solidariedade.

A importância das trocas é trazida como prática inerente à economia solidária, a partir da afirmação de Dona Sueli Pereira “A gente fazia, porque a gente que faz a economia solidária, a gente fazia troca.”. Essa prática da reciprocidade surge como algo que é parte consciente do processo de constituição do segmento.

5.1.2. Dimensão sociopolítica

Nessa dimensão, buscou-se perceber o nível de articulação e autogestão do empreendimento durante o evento, quando observamos como seus representantes que participaram da feira se relacionaram com a sua natureza coletiva, se auto-organizando para participar das mais diversas atividades, bem como se foi possível aderir ou se associar às iniciativas como redes, fóruns e instâncias de articulação. Aqui, foi examinado o nível de participação de cada representante nas atividades, além da sua articulação com outros parceiros do poder público ou da sociedade civil.

Como já citado neste estudo, foi durante a feira do ano de 2006 que o Fórum baiano de Economia Solidária entregou um documento para o futuro Secretário do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte, que assumiria no novo governo em janeiro de 2007. A partir desse documento com a sistematização das demandas do segmento, foi criada a Superintendência de Economia Solidária da Bahia, portanto, os ganhos nesta dimensão são facilmente mensuráveis.

A feira possibilita o encontro entre Estado e sociedade civil, quando em diversos momentos os empreendimentos estiveram com representantes do governo e puderam acessar a política pública.

A participação nas feiras, entendendo ser um espaço de encontro entre diversos atores, possibilita a articulação dos empreendimentos com outros parceiros, bem como, acessar políticas públicas. Dona Sueli Pereira, quando questionada sobre o apoio de outras entidades no período da feira, afirma “Ó, antigamente era muito bom. A gente tinha apoio assim da Cediter, era do Sebrae, apesar de não ter nada a ver, mas eles faziam feira e convidava.”

5.1.3. Dimensão sociocultural

Neste item, buscou-se observar se a participação no evento impactou nos sentimentos dos participantes, gerando a sensação de pertencimento ao evento e ao movimento de economia solidária, além dos sentimentos de cooperação e solidariedade, tanto quando se relacionam com os membros dos seus empreendimentos, quanto da relação com outras trabalhadoras e trabalhadores de outros empreendimentos. Observou-se também se a participação no evento promoveu aos participantes uma melhor compreensão sobre sua natureza, afinal, trata-se de um evento autogestionário e cada membro pode e deve auxiliar em todos os processos relacionados ao bom funcionamento dos espaços, programação, etc.

Doralice de Jesus, quando questionada sobre os impactos da participação nas feiras sobre a relação entre membros dos grupos, afirma “Até hoje nos estamos unidas graças a Deus. A gente ia e levava mercadoria, não só minha, por exemplo, levava do grupo”.

A entrevista com Dona “Conceição de Camaçari” revelou a diversidade de perfis e como o grupo se fortaleceu a partir das vivências nas feiras e da mudança de postura de alguns dos seus membros:

As vezes tem uma pessoa que é mais pacato e prefere ficar ali costurando seu pedacinho de pano, fazendo seu fuxico, emendando seu retalho, fazendo sua boneca. E já tem aqueles que interagem mais, que gosta de ir buscar, de procurar saber como faz pra participar. Então o grupo ficou mais forte, ficou mais confiante. (*Maria da Conceição, CASP, Camaçari – Ba.*)

Quando perguntado sobre o principal aprendizado da feira para os membros da CriArte, “Seu Agnaldo” afirma:

A colaboração entre si. Antes essa coisa de estar em grupo era aquele individualismo. Eu faço o meu, você faz o seu, depois a gente começou a se agregar mais e se unir muito mais. (*Agnaldo Dias, CriArte, Salvador*)

O depoimento acima revela uma mudança sociocultural bastante intensa no grupo.

5.1.4. Dimensão sociotecnológica

Neste âmbito foram observados os processos de geração, socialização e apreensão de saberes, sendo eles formais (em salas destinadas à formação) ou não formais, quando da própria participação na gestão do evento ou de processos durante o mesmo. Foi examinado também, se estes tiveram impacto sobre os participantes, bem como a sua influência sobre os processos produtivos dos empreendimentos.

A geração de saberes durante as feiras é bastante intensa e promove impactos em diversos campos, seja na comercialização e na relação com clientes, no campo ideológico, quando princípios e práticas da economia solidária são reforçados, ou no campo político, promovendo uma reflexão sobre a política pública e seu contexto.

A influência do aprendizado adquirido durante as feiras facilita o trabalho dos empreendimentos e fortalece a sua atividade. Quando questionada se a feira trouxe algum aprendizado, Dona Neura afirmou:

Trouxe muito né? Porque a gente fica assim, mais experiente, a gente aprende mais assim a trabalhar com o público né, isso divulga nosso trabalho, porque depois das feiras a gente já fez tantos clientes, porque o pessoal vê o trabalho da gente, aí pega *email* da gente, faz pedidos. As feiras são muito importantes para o contato da gente e pra divulgar nosso trabalho né. *(Neura Martins de Souza Alves, Grupo Neura Chique, Juazeiro – Ba)*

Nesse depoimento, é possível reafirmar também o aspecto da comercialização pós-feiras, porém o mais importante da dimensão sociotecnológica aqui tratada versa sobre o aprendizado no trato com os clientes.

Ainda sobre os saberes gerados durante as feiras, Magda, da Coopertane, traz um importante relato e revela como o planejamento para participar das feiras já gerou diversos saberes. Quando questionada sobre os aprendizados de uma feira, a entrevistada afirma:

Com certeza. Assim o saber, o entender que o espaço da feira é sem dúvida um espaço de formação. Pra além da comercialização é um espaço de formação. Por que? A gente se prepara e não é só chegar na feira. Tem que pensar: o que é que eu vou levar de produto? Quem vão ser as pessoas? Por mais que tenha aquelas pessoas que vão ser responsáveis por ficar na feira, sempre dizia:

quem puder e tiver disponibilidade pra ir participar das oficinas e das atividades, a gente sempre incentivava de mais pessoas irem. Não só as pessoas responsáveis, porque a gente tá lá pra atender os clientes, então tem que ser as pessoas que tem mais esse perfil dentro da cooperativa. (*Magda Souza de Almeida, Coopertane, Salvador – Ba*)

Outro importante relato é de Dona Mariza da Coopertane, no qual ela confirmou a diversidade dos saberes gerados, quando as discussões sobre cidadania e acesso a direitos foram aprofundadas durante a feira. Dona Mariza confirma ganhos na dimensão sociotecnológica:

Eu não tinha assim, conhecimento com os direitos das mulheres, eu aprendi na feira, porque quando começou logo, eu não tinha conhecimento “com” nada disso. Aí foi nas feiras que eu passei a me aprofundar mais nesses temas. (*Mariza Mendes da Silva, Coopertane, Salvador – Ba*)

Vale destacar que o conhecimento absorvido por *Dona Mariza* traz a possibilidade de gerar outro ganho no aspecto sociocultural, uma vez que, apesar de não ter sido captado por esta pesquisa, tem-se diversos relatos que versam sobre a libertação de mulheres que sofriam com a violência doméstica e que, a partir das discussões acerca do tema, passaram a tomar consciência dos processos vividos em seus lares e se libertaram.

5.1.5. Dimensão socioambiental

Este aspecto do estudo buscou observar como a dimensão ambiental foi percebida pelos participantes. Aqui vale destacar que este estudo partiu de um princípio de que o aspecto ambiental envolve a dimensão ecológica e a dimensão humana, assim, foi observada a importância dada aos impactos do evento sobre o meio ambiente (descarte de resíduos, redução no uso de descartáveis etc.), bem como na preocupação com as pessoas que estavam participando (saúde, bem viver etc.).

Dona Doralice revela uma mudança de hábito de todos os membros do grupo a partir das feiras, indicando a utilização de embalagens que proporcionam menor impacto ao meio ambiente:

Tanto que nós aprendemos que hoje nós nem trabalhamos mais com sacolas de plástico. Nós trabalhamos com nossa sacolinha de papel pra preservar o meio ambiente. Nós não trabalhamos mais com sacolas de plástico, é só nossa sacolinha de papel, não é? Então a gente aprendeu foi através da feira de economia solidária com certeza (*Doralice de Jesus, Associação dos Artesãos do Vale do São Francisco – AAVASF, Juazeiro – Ba*)

Como já citado neste estudo, a dimensão socioambiental foi trabalhada durante as feiras, porém, temos registros de alguns problemas acerca do tema, mesmo quando estamos tratando da compreensão de muitos participantes. O trecho abaixo traz uma situação bastante complexa:

Olha eu vou te contar, é uma denúncia tá. Eu já fui numa feira da economia solidária, que eu fiquei tão agoniada, falei com tanta gente, mas nada resolveu. Tinha um senhor vendendo orquídea tirada do mato. Você imagina que tinha tanta orquídea tirada do mato. Você via que ele arrancou naqueles dias, tá entendendo? E a mesa “tava” cheia. É por isso que eu luto com isso, que eu trabalho tá entendendo? Porque hoje mesmo a gente já tá fazendo um pouquinho de orquídea. Orquídea, pra quem trabalha em laboratório é outra história né. A gente compra as mudinhas novas e vai criando elas, porque a gente sabe fazer. Aí vamos criando elas, mas é orquídea de laboratório e a gente não vai na mata tirar. A gente olha e pensa: “Onde é que está o Ibama que não vê um negocio desses? Onde é que está os organizadores dessa feira, que não tem essa visão de vê essas coisas erradas?” (*Sueli Pereira Pimentel, Associação Comunitária dos Moradores Vila Sta. Inês, Feira de Santana – Ba*)

O relato acima traz algumas reflexões. A primeira delas é sobre a debilidade do controle da Comissão Organizadora sobre os produtos comercializados, uma vez que, um fruto de crime ambiental estava sendo comercializado. A outra vem da necessidade de formação sobre esse aspecto, buscando conscientizar os membros dos empreendimentos solidários sobre os aspectos ambientais. Por último, e aqui trato como importante ganho na dimensão socioambiental, versa sobre a consciência e luta da Dona Sueli sobre a necessidade de proteger a natureza e trazer a sustentabilidade da sua atividade como aspecto primordial da sua caminhada.

6. Considerações finais

A Feira Baiana de Economia Solidária e Agricultura Familiar promoveu o encontro entre uma diversidade de atores, os envolveu em uma gama de acontecimentos e os mobilizou em torno de processos sociais, políticos e econômicos plurais. Esses momentos estiveram orientados pela metodologia proposta pelo Programa Nacional de Apoio às Feiras em Rede, que tem como premissa nortear os atores envolvidos na construção das feiras em rede, buscando garantir que seja de forma participativa e autogestionária. A metodologia estudada traz dimensões estratégicas, revelando objetivos multifacetados, que possibilitam a geração de ganhos multidimensionais.

Diante dessa forma de fazer a feira, os atores envolvidos puderam vivenciar momentos de luta para que o evento acontecesse como esperado, quando a diversidade de opiniões e de orientações chegou a promover embates tensos, repletos de disputas nos campos político e ideológico, onde Estado e Sociedade tiveram que alinhar interesses até garantir a estrutura necessária para a realização das feiras. Não bastasse os ganhos gerados nas dimensões sociopolítica, sociocultural e sociotecnológica durante a construção do evento, a condução dos quatro dias de feiras gerou ganhos nesses campos citados, através das atividades previstas na programação e principalmente na lida com os imprevistos de um evento dessa magnitude, além dos ganhos socioeconômicos e socioambientais promovidos pelos dias de execução do evento.

O caminho percorrido pelo autor desse estudo possibilitou fazer análise documental e do campo empírico, com o respaldo do campo teórico, o que trouxe a possibilidade de compreender a natureza do evento, a metodologia proposta para a realização deste e de que forma tal experiência impactou na vivência dos membros dos empreendimentos solidários envolvidos no processo. A partir desse cenário, a referência teórica trouxe embasamento sobre as possibilidades econômicas e sua pluralidade, bem como o olhar multidimensional sobre os ganhos. A partir disso, foi possível examinar a participação dos atores em diversos momentos do evento, passando pela construção inicial, pela execução do evento nos seus quatro dias, até o momento final, quando motivações e frustrações mobilizavam a todos.

O caminho percorrido entre referencial teórico, documentos construídos pelo governo e sociedade civil e o empirismo, contando a experiência

deste autor durante seis anos como membro da comissão organizadora, indicou que a natureza da Feira Baiana de Economia Solidária e Agricultura Familiar e o modo de fazer esse evento promoveram ganhos multidimensionais para as mulheres e homens, trabalhadoras e trabalhadores livremente associados, que estiveram participando das edições pesquisadas.

Um encontro de centenas de pessoas que atuam sob a lógica da solidariedade, seja do campo ou da cidade, onde foi possível comercializar produtos, conhecer novas experiências e novas pessoas, participar de processos de formação e de debate envolvendo aspectos técnicos, políticos e ideológicos, além da convivência durante quatro dias de imersão em um universo que vai muito além das cercas e muros que demarcam suas vidas cotidianas, possibilita aos participantes transformar práticas, sentimentos, condutas, culturas e melhorar sua renda. Esses ganhos multidimensionais promovidos pelas feiras pesquisadas foram percebidos a cada entrevista realizada e em diversos momentos em que este autor esteve presente durante os anos de evento. Se voltarmos aos conceitos trazidos sobre mercado concreto e mercado autorregulado será possível verificar que nas relações constituídas nos espaços das feiras baianas, o econômico não esteve dissociado do social e político.

Associar a metodologia de construção das feiras de economia solidária à natureza dos ganhos gerados nesses eventos auxiliará na execução de políticas públicas de apoio às feiras de economia solidária, bem como, poderá ser utilizada como instrumento de fortalecimento do segmento.

Revelar que a metodologia das feiras, conforme orienta o Programa Nacional de Apoio às Feiras de Economia Solidária, gera ganhos nas dimensões socioeconômica, sociopolítica, sociocultural, sociotecnológica e socioambiental, possibilita destacar o potencial de uma feira dessa natureza para corroborar a construção de políticas de desenvolvimento local, de combate à pobreza, de inclusão socioproductiva, de formação de trabalhadoras e trabalhadores, de desenvolvimento econômico, de promoção de mobilidade social, entre outras.

Referências

AMORIM, R. Feiras de Economia Solidária: fenômeno de socialização ou redescoberta do mercado? **XV Congresso Brasileiro de Sociologia Grupo de Trabalho**

GT06 – Economia social e solidária: alternativas de trabalho, participação e mobilização coletiva. Curitiba, 2014.

BAHIA. Governo do estado da Bahia. Lei 12.368 de 13 de dezembro de 2011, que versa sobre a instituição da Política Estadual de Fomento à Economia Solidária no Estado da Bahia e do Conselho Estadual de Economia Solidária. Bahia: Governo da Bahia, 2011.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Relatório de atividades da Senaes Avanços e Desafios para as Políticas de Economia Solidária no Governo Federal - 2003/2010. Brasília: MTE, 2012.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego; Ministério do Desenvolvimento Agrário. Cartilha 1, série: feiras de Economia Solidária Programa Nacional de Fomento as Feiras de Economia Solidária. Brasília: MTE, 2006.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. Termo de referência do Sistema Nacional do Comércio Justo e Solidária. Disponível em: http://acesso.mte.gov.br/data/files/8A7C816A3ADC4075013AFECE06F969A4/Termo_Referencia_SNCJS.pdf. Acesso em 20 abril 2016.

_____. Secretaria Nacional de Economia Solidária. Relatório de avaliação do Programa Nacional de Apoio às Feiras de Economia Solidária. Brasília: SENAES, 2010.

_____. Secretaria Nacional de Economia Solidária. Termo de Referência: Feiras de Economia Solidária no Brasil. Disponível em: http://acesso.mte.gov.br/data/files/FF8080812B35FA90012B4B7E355E142B/prog_org_feira_termo_feiras.pdf. Acesso em: 15 dez. 2015

_____. Secretaria Nacional de Economia Solidária. I Conferência Nacional de Economia Solidária. Anais. Brasília: SENAES/MET, 2006.

_____. Secretaria Nacional de Economia Solidária. II Conferência Nacional de Economia Solidária. Anais. Brasília: SENAES/MET, 2010.

_____. Secretaria Nacional de Economia Solidária. III Conferência Nacional de Economia Solidária. Anais. Brasília: SENAES/MET, 2014.

FARIA, M. S.; NOVAES, H. T. (2011) O sentido histórico da autogestão. In: BENINI, E. A.; FARIA, M. S.; NOVAES, H. T. e DAGNINO, R. (Orgs.) **Gestão Pública e Sociedade: fundamentos e políticas públicas da economia solidária**. São Paulo: Outras Expressões. p. 153 – 186.

FRANÇA FILHO, G.; LAVILLE, J.-L. **Economia solidária uma abordagem internacional**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2004.

GAIGER, L. I. G. **A economia solidária no Brasil: uma análise de dados nacionais**. Luiz Inácio G. Gaiger (Coord.), Patrícia Sorgatto Kuyven, Cláudio Barcelos Ogando, Sylvio Antônio Kappes e Jardel Knecht da Silva - São Leopoldo: Oikos, 2014.

_____. Sentido e possibilidades da economia solidária hoje. In: Kraychete, G. et al. (org.) **Economia dos Setores Populares: entre a realidade e a utopia**. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Capina; Salvador: CESE: UCSal, 2000, p.167 – 198.

GIÁCOMO, C. **Tudo acaba em festa: evento, líder de opinião, motivação e público**. 2ª ed. São Paulo: Sociais, 1997.

MOURA, M. S. S.; MEIRA, L. **Desafios da Gestão de Empreendimentos Solidários**. Bahia Análise & Dados, Salvador, v. 12, n.1, p. 77-84, 2002.

NASCIMENTO, C (2011) A autogestão e o “novo cooperativismo”. In: BENINI, E. A.; FARIA, M. S.; NOVAES, H. T. e DAGNINO, R. (Orgs.) **Gestão Pública e Sociedade: fundamentos e políticas públicas da economia solidária**. São Paulo: Outras Expressões. p. 91 – 99.

POLANYI, K. **A subsistência do homem e ensaios correlatos** / Karl Polanyi; organização Kari Polanyi Levitt; introdução Michele Cangiani; tradução Vera Ribeiro; revisão César Benjamim. - Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SANTOS, B. V. de S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social** / Boa Ventura de Souza Santos; tradução Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2002;

_____. Economia dos Setores Populares - Propostas e Desafios. In: Kraychete, G. et al. (org.) **Economia dos Setores Populares: entre a realidade e a utopia**. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Capina; Salvador: CESE: UCSal, 2000.p.143 – 163.

SINGER, P.; SOUZA, A. R. (Org.). **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

REIS, T. A. **A sustentabilidade em empreendimentos da economia solidária: pluralidade e interconexão de dimensões.** 2005. Dissertação (Mestrado em Administração) Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador 2005.

WELLEN, H. **Para a crítica da economia solidária.** 1 ed. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

Arquivos da Superintendência de Economia Solidária, órgão ligado à Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte do Governo da Bahia. (Disponíveis na Coordenação de Formação e Divulgação - COFD)

Relatório de Avaliação do Projeto Vencer Juntos. Avaliação de Resultados do Empreendimentos e dos Territórios, Volume II, Setembro de 2013.